

O que faz um Economista? *

Cláudio Moura Castro

1. Introdução.
2. Processamento dos Questionários.
3. Perfil Sócio-Econômico da Amostra.
4. Tabulações Cruzadas.

A organização de um currículo escolar prende-se antes de tudo à coerência interna da disciplina a ser estudada. Depende também, felizmente ou infelizmente, da *weltanschauung* científica do momento. Mas, sob pena de gerar tensões e criar ineficiência na alocação de recursos educacionais, a ocupação posterior dos indivíduos, que se expõem a esta formação, tem que ser prioritariamente considerada. É necessário que os formandos estejam adequadamente preparados para exercer cargos e funções para os quais existe uma demanda solvível e proporcional ao seu número.

Estas ponderações nos levaram a um *follow-up* dos economistas formados pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. Foram utilizados para a sua localização os arquivos do Sindicato dos Economistas e da Associação dos Economistas de Minas Gerais. A pesquisa foi feita com o apoio e a colaboração do Diretório Acadêmico. Trabalharam como enumeradores alunos do curso de Ciências Econômicas.

* Em particular, gostaríamos de agradecer ao estudante Antonio Carlos Ribeiro.

Visamos inicialmente entrevistar a população de todos os economistas formados pela Faculdade e que habitam em Belo Horizonte ou periferia. Conhecimentos pessoais e os arquivos consultados indicam um total de aproximadamente 400 indivíduos nesta situação. Dificuldades de localização e uma certa resistência dos entrevistados fizeram com que, dentro do prazo exequível, apenas cerca de 140 pudessem ser entrevistados. É interessante especular a respeito desta resistência, tratando-se de questionário anônimo e em perguntas embaraçosas. Existirá tamanho grau de frustração profissional?

Na elaboração do questionário, buscamos antes de tudo determinar o tipo de tarefas executadas pelos formandos e o tipo de conhecimentos exigidos por elas.

Partimos de uma hipótese de trabalho que viemos defendendo há algum tempo juntamente com professôres, jovens da Faculdade e que é a seguinte: o mercado para o economista é assaz restrito e está praticamente saturado já há algum tempo. Entretanto, por razões acidentais ou históricas, o mercado do economista tem sido falsamente definido como incluindo atividades que a rigor seriam típicas do *administrador de emprêsas*. A divulgação desta falácia tem levado a uma expansão artificial do mercado e dos cursos de economia, em detrimento do mercado e dos cursos de administração de emprêsas. Não cabe aqui elaborar esta posição que, de resto, é defendida por muitos dos bons economistas brasileiros que conhecemos.

Boa parte das perguntas visaram determinar se o tipo de ocupação dos entrevistados seria mais compatível com a formação de economistas ou administradores. Este objetivo não foi revelado aos entrevistados e a maior parte destes, ao que parece, não o percebeu.

Infelizmente não se pode dizer que a amostra seja aleatória com relação ao emprêgo dos entrevistados. Estão muito mais do que proporcionalmente representadas as entidades que empregam grande número de economistas (Banco de Desenvolvimento, Universidade, etc.). Estão insuficientemente representadas emprêsas comerciais e industriais que como um todo empregam a maior parte dos formados. Isso obviamente introduz um viés que tende a superestimar a proporção de economistas *quo* economistas.

Entretanto, mesmo com êste viés, já se pode perceber muita coisa sobre a estrutura ocupacional dos economistas. Examinaremos os resultados de cada pergunta individualmente.

2. Processamento dos Questionários

2.1. Firma Em Que Trabalha

Nesta questão, bem como em tôdas as outras perguntas abertas, foi criada uma classificação que permitisse enquadrar cada resposta. O desdobramento ou a consolidação de rubricas foi feito tendo em vista a freqüência de uma. Como se pode verificar pelo quadro I, as rubricas Comércio e Indústria, que já implicam um alto grau de agregação tem uma freqüência pequena, considerando o grande número de economistas empregados nestes setores.

Podemos verificar que 74 individuos trabalham em setores públicos ou semipúblicos, enquanto apenas 30 estão no setor privado. Como já advertimos, isto reflete, não a distribuição profissional dos economistas, mas o fato de que foram entrevistados maior número dêles empregados no setor público, devido à facilidade de localização.

Quadro I
Firma em que Trabalha

| FIRMA | Número de entrevistados | Pública | Privada |
|------------------------|-------------------------|---------|---------|
| Bancos Comerciais | 20 | | 20 |
| Serviço Público | 16 | 16 | |
| Autarquia | 14 | 14 | |
| B.D.M.G. | 13 | 13 | |
| U.F.M.G. | 11 | 11 | |
| Cemig | 10 | 10 | |
| Banco do Brasil | 10 | 10 | |
| Escritório de Projetos | 7 | | 7 |
| Comércio | 7 | | 7 |
| Indústria | 5 | | 5 |
| Usiminas | 5 | | 5 |
| Asses. Org. de Classe | 3 | | 3 |
| Processo de dados | 3 | | 3 |
| Outros | 3 | | 3 |
| Total | | 74 | 30 |

2.2. Outro Emprego

Perguntou-se a respeito de outros empregos que os entrevistados tivessem. Constatou-se que 30% tem mais de um emprego. O quadro II mostra o que infelizmente ainda é a realidade entre nós: ensino como atividade secundária. Há uma *predominância absoluta de magistério como segundo emprego*.

Quadro 2
Outro Emprego

| Outro Emprego | Número de entrevistados |
|-------------------------------------|-------------------------|
| Ministério Superior | 19 |
| Serviço Público | 8 |
| Magistério Secundário | 7 |
| Escritório de Projetos | 5 |
| Asses. de Empresas e Org. de Classe | 4 |
| Contabilidade | 1 |
| Outros | 1 |
| Total | 45 |

2.3. Cargo ou Função

Esta pergunta se refere à vinculação formal do entrevistado ao quadro da empresa em que ele trabalha. No quadro 3, primeira coluna, está a distribuição de frequência da amostra. A segunda coluna corresponde a um agrupamento dos cargos segundo sua maior vinculação com economia ou administração ou outra atividade não classificável. Duas observações procedem. Em primeiro lugar a classificação foi feita segundo o que nós entendemos por economia e administração. Não é uma classificação subjetiva e pessoal nossa, mas não está isenta de controvérsia. Para uma excelente discussão dos aspectos teóricos desta questão consulte-se o artigo de Fritz Machlup reproduzido no livro *Economic Semantics*, página 97 a 144,¹ Em segundo lugar, em caso de dúvida classificamos como economia.

Verificamos que 68% dos entrevistados estão em cargos que podem ser em princípio compatíveis com a formação de economista.

¹ MACHLUP, Fritz. *Micro and Macro Economics. Essays on Economic Semantics*. Englewood Cliffs, Nova Jérsei, Prentice-Hall, 1963.

Quadro 3
Cargo ou Função

| Cargo ou Função | Número de entrevistados | Economia | Adm. e - outros |
|--------------------------------------|-------------------------|----------|--------------------|
| Economista | 58 | 58 | |
| Assessor | 13 | 13 | |
| Funcionário (não relac. c/ Economia) | 13 | | 13 |
| Prof. Universitário — UFMG | 9 | 9 | |
| Chefe de Divisão e Departamento | 9 | | 9 |
| Direção | 5 | | 5 |
| Assistente Técnico | 4 | 4 | |
| Auditor/Contador | 3 | | 3 |
| Chefe de Seção | 3 | | 3 |
| Analista de Custos | 2 | | 2 |
| Programador | 2 | | 2 |
| Outros | 2 | | 2 |
| Em branco | 4 | | |
| Total | | 84 | 39 |

2.4. Descrição do Trabalho

Esta pergunta foi formulada em aberto. No processamento do questionário classificamos as respostas como indica o quadro 4 e permitimos a cada entrevistado um máximo de três respostas. Somamos, então, as respostas sem considerar a sua ordenação. O número de respostas, então, não está relacionado diretamente com o tamanho da amostra. Como apenas um terço dos entrevistados teve mais de uma resposta, esta particularidade do processamento não nos deve preocupar. Podemos tomar a proporção de respostas como uma imagem aproximada do que andam fazendo os economistas.

Agrupando segundo critério semelhante ao que usamos anteriormente, encontramos que a proporção de economistas cai agora para 53%. Isto indica que, *enquanto a posição formal dos quadros da instituição indicava quase 70% dos cargos como compatíveis com a formação de economistas, a descrição do trabalho nos mostra que apenas cerca da metade mantém esta compatibilidade.*

Quadro 4
Descrição do Trabalho

| Especificações | Número de respostas | 1.º | 2.º | 3.º | Econ. | Adm. | Outros |
|-----------------------------------|---------------------|-----|-----|-----|-------|------|--------|
| Pesquisas e Diagnoses | 25 | 21 | 4 | — | 25 | | |
| Projetos | 20 | 13 | 7 | — | 20 | | |
| Adm. Financ. e Orçamentos | 19 | 14 | 4 | 1 | | 19 | |
| Assessoria | 17 | 11 | 4 | 2 | 17 | | |
| Planejamento Regional e Municip. | 16 | 14 | 2 | — | 16 | | |
| Auditoria/Contador | 13 | 6 | 6 | 1 | | 13 | |
| Funções Burocráticas | 13 | 12 | 1 | — | | 13 | |
| Apropriação e Análise de Custos | 12 | 8 | 4 | — | | 12 | |
| Ensino Universitário — UFMG | 11 | 9 | 1 | 1 | 11 | | |
| Organização e Métodos | 9 | 7 | 2 | — | | 9 | |
| Estudos de Mercado | 8 | 5 | 3 | — | | 8 | |
| Prep. Relatórios e Quadros Estat. | 8 | 5 | 3 | — | 8 | | |
| Racion. p/Program. Eletrônica | 5 | 4 | 1 | — | | 5 | |
| Ensino Universitário (Outros) | 3 | 1 | 2 | — | | | 3 |
| Outros | 2 | 2 | — | — | | | 2 |
| Ensino Secundário | 1 | 1 | | | | | 1 |
| Total | | 133 | 44 | 5 | 97 | 79 | 6 |

2.5. Trabalho Que Aspirava Ter Quando Ainda Estudante

Esta pergunta deve, até certo ponto, refletir as aspirações de carreira dos formandos, sendo bastante relevante para a hipótese que estamos examinando. Se os indivíduos se frustrassem em suas aspirações profissionais, poder-se-ia esperar melhor estruturação dos órgãos de classe e uma dissatisfação com a carreira em si (esta segunda hipótese parece se dar com cursos de direito). Entretanto não é isso que a nossa amostra indica.

Podemos verificar que 61% aspiravam carreiras que consideramos típicas de economista. Esta proporção está próxima da dos que de fato exercem profissão de economista. Como um todo não há *decalage* entre as aspirações e as realizações. Entretanto, há algo de muito sério se passando. Trinta e nove por cento dos entrevistados aspiravam a ocupações que consideramos como não sendo compatíveis com o que chamamos economia, e, no entanto, fizeram este curso. Obviamente, o curso de Administração estaria muito mais de acôrdo com as suas aspirações.

O maior *status* do diploma de Economia poderia justificar a racionalidade da decisão individual. Mas, sob pena de incorrer na falácia da

composição, é preciso reconhecer o caráter disfuncional desta decisão quando feita por um grupo. O que existe não é uma frustração de aspirações, mas sim uma desestruturação entre aspirações e escolha de carreira. Em outra ocasião nos referimos a este fenômeno como o "mito de microeconomista".²

A frustração inexistente no sentido em que pesquisamos, manifesta-se de outra forma: insatisfação com o tipo de ensino ministrado. Talvez seja esta uma das razões que explicam a pouca receptividade a esta pesquisa.

Quadro 5
Tipo de Trabalho a que Aspirava

| Trabalho a que aspirava | Número de entrevistados | Economia | Administração |
|--------------------------|-------------------------|-----------|---------------|
| Diagnoses e Planejamento | 42 | 42 | |
| Economia de Empresa | 33 | | 33 |
| Projetos | 9 | 9 | |
| Assessoria | 8 | 8 | |
| Professor e Pesquisador | 6 | 6 | |
| Administração Financeira | 4 | | 4 |
| Análise de Custos | 4 | | 4 |
| Outros | 6 | | |
| Em branco | 15 | | |
| Total | | 65 | 41 |

Chamamos novamente a atenção para um fato: 33 economistas assinalaram economia de empresa como aspiração de trabalho, e enquadrámos esta opção como sendo mais compatível com administração. Dado o nível de desenvolvimento teórico do que se pode chamar economia de empresa, os mecanismos de decisão empresarial existentes, e os que podem ser implantados a curto e médio prazo, julgamos que o curso de administração ainda é a formação mais adequada ao profissional que trabalha dentro das empresas brasileiras. No entanto, julgamos imprescindível que os estudantes de administração tenham um bom curso de introdução à economia. Os cursos de administração de empresas incluem cursos de economia puramente perfunctórios.

² FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE MINAS GERAIS. O Mito do Microeconomista e a Inflação de Economistas. *Vida Industrial*, agosto de 1966.

Quadro 6
Cadeiras Consideradas Mais Úteis

| Cadeiras mais úteis | Número de respostas | 1.º | 2.º | 3.º | Econ. | Adm. | Instrum. |
|--------------------------|---------------------|-----|-----|-----|-------|------|----------|
| Estatística | 82 | 62 | 9 | 11 | | | 82 |
| Custos | 44 | 11 | 27 | 6 | | 44 | |
| Análise de Balanços | 30 | 8 | 8 | 14 | | 30 | |
| Projetos | 29 | 12 | 13 | 4 | 29 | | |
| Programação | 23 | 5 | 14 | 4 | 23 | | |
| Matemática | 21 | — | 10 | 11 | | | |
| Economia | 20 | 7 | 10 | 3 | 20 | | 21 |
| Preços | 16 | 2 | 6 | 8 | 16 | | |
| Contabilidade de Empresa | 15 | 4 | 7 | 4 | | 15 | |
| Outras | 46 | 8 | 11 | 27 | | | |
| Em branco | 57 | 8 | 14 | 35 | | | |
| Total | | | | | 88 | 89 | 103 |

2.6. Cadeiras Consideradas Mais Úteis à Atual Ocupação

O Objetivo desta pergunta não foi exatamente prover subsídios a uma reforma de currículo, mas sim representar um outro disfarce à questão que vimos propondo desde o início: economia ou administração? A pergunta pediu para citar três cadeiras.

Um terço das respostas apontou cadeiras instrumentais.

As respostas restantes se dividem igualmente entre economia e administração. Isto indica que os *economistas entrevistados valem-se tanto do conhecimento de três cursos de administração incorporados ao seu currículo quanto de todos os cursos de economia do programa.*

2.7. Cadeiras que Gostariam de ver Introduzidas ao Currículo

Esta pergunta é uma variante da anterior e tal como ela, pede três sugestões.

A resposta de maior frequência refere-se ao aprimoramento das cadeiras já existentes o que pode ser considerado como uma crítica procedente feita à Faculdade. De fato, com o currículo sobrecarregado como está, a questão básica não é introduzir mais cadeiras, mas sim, fazer funcionar as atuais.

Dos 34% que querem cadeiras ligadas a economia, 14 entrevistados pediram cadeiras de desenvolvimento econômico e economia brasileira, o que achamos justificável, visto que a inexistência destas cadeiras tem sido uma deficiência da Faculdade. Seis citaram disciplinas dentro das ciências sociais.

Quadro 7
Cadeiras a Introduzir

| Cadeiras a introduzir | Número de resposta | 1.º | 2.º | 3.º | Econ. | Adm. | Instrum. |
|---------------------------|--------------------|-----|-----|-----|-------|------|----------|
| Aprimoramento das exist. | 41 | 36 | 5 | — | | | |
| Econ. Bras. e Desenvolv. | 14 | 12 | — | 2 | 14 | | |
| Adm. Financ. e Merc. Cap. | 10 | 7 | 3 | — | | 10 | |
| Pesquisa Operacional | 10 | 9 | 1 | — | 10 | 10 | |
| Computador Eletrônico | 8 | 8 | — | — | | | 8 |
| Outras Ciências Sociais | 6 | 5 | 1 | — | 6 | | |
| Legisl. Fiscal do Trab. | 5 | 3 | 2 | — | | 5 | |
| Economia de Empresa | 5 | 2 | 3 | — | | 5 | |
| Mercadologia | 3 | 3 | — | — | | 3 | |
| Outras | 10 | 9 | — | 1 | | | |
| Em branco | 274 | 37 | 112 | 125 | | | |
| Total | | | | | 20 | 33 | 8 |
| Percentual | | | | | 34% | 52% | 14% |

Entretanto, 52% das respostas se referem a cadeiras de administração. Novamente, vemos a inadequação entre a escolha profissional e o tipo de trabalho que está sendo exercido.

2.8. Reclamações Quanto à Formação Profissional da Escola

Esta pergunta foi aberta, como tôdas que examinamos até agora, deixando portanto a iniciativa da resposta ao entrevistado. Mais da metade das respostas referem-se à falta de sentido prático ou ao excesso da teoria. Estas respostas se prestam a duas interpretações. A primeira é de que a parte teórica dos cursos não é complementada por problemas, exercícios, aplicações, exemplos, ilustrações; enfim, tudo o que permita ao aluno acoplar os esquemas analíticos a um segmento da realidade com o qual êle seja familiar. Segundo, quando se tenta aplicar a uma realidade um modelo que nunca tentou descrevê-la, é comum o êrro de se concluir

que o modelo é *teórico demais*. Todo modelo é necessariamente teórico, num grau maior ou menor de abstração. Se o nível de abstração for alto demais para o que temos em vista, não é a teoria que está errada, mas sim, aquêle que a tenta aplicar inadequadamente.

Não temos nenhuma base empírica para dizer que tipo de interpretação podemos dar às respostas encontradas. Suspeitamos porém que um bom número destas respostas resulta da tentativa de utilizar a Teoria da Firma e a Teoria da Produção como instrumentos empíricos de tomada de decisão dentro de unidades produtivas.

Quadro 8
Reclamações da Formação Profissional da Escola

| Tipos de Reclamações | Número de respostas | 1.º | 2.º | 3.º |
|--|---------------------|-----|-----|-----|
| Curso muito teórico | 43 | 41 | 1 | — |
| Falta de sentido prático | 31 | 30 | — | 1 |
| Currículos e Professôres desatualizados | 10 | 8 | 2 | — |
| Nível precário algumas cadeiras | 10 | 9 | 1 | — |
| Currículos superficiais e desarticulados | 10 | 6 | 4 | — |
| Ausência de pesquisas | 7 | 5 | 2 | — |
| Professôres desinteressados | 6 | 4 | 2 | — |
| Falta de didática dos professôres | 4 | 1 | 1 | 2 |
| Nenhuma | 8 | 8 | — | — |
| Outras | 5 | 5 | — | — |
| Em branco | 247 | 10 | 113 | 124 |
| Total | 134 | | | |

2.9. Leitura de Revistas Especializadas

As três revistas citadas foram separadas em quatro categorias: economia, incluindo revistas que tratam de economia em termos acadêmicos (*Revista Brasileira de Economia*, *American Economic Review*) e fazem análises conjunturais ou setoriais mais profundas ou técnicas do que as encontradas normalmente nas seções econômicas dos jornais. Em informação foram

incluídas revistas técnicas do tipo *Visão*, *The Economist*, etc. Administração se refere a revistas técnicas de administração do tipo *Revista Brasileira de Administração* e outras. Revistas técnicas são as que usualmente dizem respeito ao ramo de atividade da entidade em que o economista trabalha (*Máquinas e Metais*, por exemplo).

Economia alcança a maior freqüência, seguida de *Informação*. A classificação da *Revista Conjuntura Econômica* é ao mesmo tempo crucial pela sua grande popularidade dentre os amostrados, e, de difícil enquadramento. Ela corresponde ao tipo de informação econômica da qual os economistas e administradores de empresa utilizam-se igualmente. A sua inclusão como revista de economia eleva a freqüência desta categoria.

O pequeno número de revistas de administração deve-se, em parte, ao fato de que no Brasil, que saibamos, só se publica uma revista deste tipo.

Quadro 9
Leitura de Revistas Técnicas

| Tipo de Revista | Número de respostas | 1.º | 2.º | 3.º | 4.º |
|-----------------|---------------------|-----|-----|-----|-----|
| Economia | 89 | 44 | 43 | 3 | — |
| Informação | 82 | 63 | 14 | 5 | — |
| Administração | 37 | 5 | 16 | 16 | — |
| Técnica | 11 | 6 | 2 | 2 | 1 |

2.10. Livros mais Consultados no Trabalho

Foram pedidos três livros. Obtiveram freqüência de 5 ou superior, por ordem decrescente: NAÇÕES UNIDAS. *Manual de Projetos*. SPIEGEL. *Livro de Texto de estatística*. SAMUELSON. *Introdução à Economia*. HERMAN JR. *Estrutura e Análise de Balanços*. STONIER & HAGUE. *Análise Econômica*. BARRE. *Économie Politique*. CROXTON. *Estatística Geral e Aplicada*. HOEL. *Introdução à Estatística*. SCHNEIDER. *Introdução à Teoria Econômica*. FURTADO. *Formação Econômica do Brasil*. JOHNSON. *Administração Financeira*.

Classificando os livros de economia, Administração e disciplinas instrumentais, encontramos:

Quadro 10
Livros Mais Consultados no Trabalho

| Tipo | Freqüência |
|---------------|------------|
| Economia | 75 |
| Administração | 60 |
| Instrumentais | 58 |

Excluindo os livros instrumentais (estatística, matemática) verificamos que 45% dos livros citados são de administração.

É interessante notar que praticamente todos os livros citados são títulos de grande popularidade em algum curso da Faculdade (não necessariamente no Departamento de Economia). Não há mudança de orientação bibliográfica, apenas de ênfase.

2.11. Livros Usados na Faculdade e que Ainda são Úteis

Esta pergunta é uma variante da anterior onde se condiciona a limitação adicional de ser um livro que tenha sido usado na Faculdade.

Quadro 11
Livros Usados na Faculdade e Que Ainda São Úteis

| Tipo | Freqüência |
|---------------|------------|
| Administração | 52 |
| Economia | 97 |
| Instrumentais | 57 |

Há uma queda no número de livros de administração consultados, com relação à pergunta anterior. Isto possivelmente mostra que houve necessidade de comprar ou pedir emprestado livros de administração depois de formado. Quase metade dos livros consultados são de administração

(Quadro 10). Quando se consideram apenas os livros do tempo de escola (Quadro 11), consultam-se dois de economia para cada um de administração. Parece que os economistas compram na Faculdade livros de administração em quantidade insuficiente ou com uma seleção inadequada para fazer face às suas necessidades profissionais.

2.12. Houve Melhoria no Nível de Ensino da Faculdade?

Conforme indica o quadro 12a, 39 acham que o curso melhorou contra 11 que acham que piorou. Em vista da existência de indicações objetivas da melhoria do curso e do grande número que percebem o curso como de fato tendo melhorado seria interessante saber por que 11 acham que piorou. Seria saudosismo, ou argumentos *ad hominem* contra o atual corpo docente?

Cêrca da metade dos entrevistados não sabem se melhorou ou deixaram em branco a resposta. Falta-nos base de comparação para considerar isto como índice alto ou baixo de anomia. Entretanto, uma profissão relativamente nova e complexa deveria talvez gerar maior interêsse pelo seu desenvolvimento didático.

A pergunta seguinte indagava em que fatôres o entrevistado se baseou para dar esta resposta. A redação da pergunta foi infeliz de tal maneira que houve confusão entre a causa da evolução (positiva ou negativa) e a forma pela qual o entrevistado pôde obter informações para passar seu julgamento. O quadro 12b mostra a classificação das respostas.

Quadro 12

Melhoria ou Não do Nível de Ensino

| Melhorou ? | Número de entrevistados |
|-------------------------|-------------------------|
| Sim | 39 |
| Não sei | 30 |
| Recém-formado (estável) | 13 |
| Não | 11 |
| Em branco | 36 |

Quadro 12b
Fatôres em Que se Baseou

| Fatôres em que se baseou | Número de entrevistados |
|--|-------------------------|
| Melhoria do conteúdo do curríc. e curso básico | 11 |
| Contato c/ estagiários recém-formados etc. | 9 |
| Melhoria qualitativa do corpo docente | 8 |
| Bôlsa e tempo integral | 2 |
| Em branco | 97 |

2.13. Há Engenheiros na Área Profissional do Economista?

Esta pergunta visa estabelecer a opinião dos economistas a respeito dêste assunto que tem provocado tanto debate com a criação do curso de Engenharia Econômica do IPUC.³

Como se vê, mais de oitenta por cento dos economistas acham que há engenheiros interferindo na sua esfera profissional. Esta pergunta, entretanto, não revela muito devido a deficiências de redação. A rigor basta que se conheça um engenheiro ocupando cargo de economista para que a resposta seja *sim*. Possivelmente, dever-se-ia ter perguntado se a concorrência com engenheiros era séria ou potencialmente séria.

O quadro 13b indica as áreas em que esta interferência se daria. As respostas aí são particularmente interessantes. A indicação de engenheiros concorrendo na área de projetos e planejamento reflete uma amostragem que superrepresenta o número de economistas do BDMG e de firmas de projetos. Neste setor há, de fato, margem a uma obliteração de fronteiras interdisciplinares que provávelmente jamais será eliminada. Todo projeto tem algo de economia e algo de engenharia e é inevitável que um profissional acabe penetrando no setor do outro.

O que na realidade é curioso é o que se segue: ao indicar que os engenheiros estão interferindo em sua área profissional há 35 respostas que correspondem a áreas que nós consideramos como sendo melhor servidas pelo administrador que pelo economista. Vinte e dois destas respostas são necessariamente ocupações de administrador, inclusive para aqueles que não concordam com nossa posição. Ninguém diz que administração, direção, e organização e métodos são atribuições de economistas.

³ Instituto Politécnico da Universidade Católica de Minas Gerais.

Parece que estamos diante de um *lapsus freudiano*. Em sua tentativa de defesa profissional acabam por implicitamente reivindicar para si uma área que sempre foi tranqüilamente aceita como sendo dos administradores de empresa.

Quadro 13

Há Engenheiros na Área Profissional de Economistas?

| Há engenheiros? | Número de entrevistados |
|-----------------|-------------------------|
| Sim | 87 |
| Não | 20 |
| Em branco | 20 |

Quadro 13b

Onde os Engenheiros Estão Concorrendo Com os Economistas?

| Onde? | Número de entrevistados |
|--------------------------|-------------------------|
| Projetos | 22 |
| Análise de custos | 8 |
| Direção | 8 |
| Administrador | 7 |
| Planejamento | 6 |
| Economia de Empresa | 5 |
| Administração Financeira | 5 |
| Organização e Métodos | 2 |
| Outros | — |
| Em branco | 64 |

3. Perfil Sócio-Econômico da Amostra

As perguntas que seguem buscam caracterizar o *status* sócio-econômico do entrevistado e de seu pai, além de estabelecer o número de anos de experiência profissional de cada um.

3.1. Renda Mensal

A pergunta pediu que à renda mensal fôssem incluídas bonificações, gratificações e outros adicionais. O critério é renda bruta sem que sejam abatidos impostos diretos ou qualquer modalidade de seguro social.

A renda modal está entre Cr\$ 1.000,00 e Cr\$ 1.500,00. Quando se considera que o salário mínimo de engenheiro é de Cr\$ 1.200,00, pode-se verificar que a remuneração do economista é pelo menos razoável.

Quadro 14
Renda Mensal

| Nível de Renda | Número de entrevistados |
|----------------|-------------------------|
| Menos de 400 | 1 |
| De 400 — 700 | 12 |
| 700 — 1 000 | 29 |
| 1 000 — 1 500 | 48 |
| 1 500 — 2 500 | 27 |
| Mais de 2 500 | 6 |
| Em branco | 4 |

3.2. Ano de Formatura

Ha uma predominância acentuada dos economistas mais jovens na nossa amostra. Isto é claramente um viés da amostragem que resulta do tipo de entidade visitada, mas não devemos também nos esquecer que o número de formandos em cada turma tem aumentado continuamente desde a a fundação da Faculdade. Por outro lado, a probabilidade de ter-se mudado de Belo Horizonte é diretamente proporcional ao número de anos de formado.

Quadro 15
Ano de Formatura

| Ano | Número de entrevistados |
|-------------|-------------------------|
| 1944 — 1950 | 5 |
| 1950 — 1960 | 13 |
| 1960 — 1962 | 11 |
| 1962 — 1964 | 10 |
| 1964 | 18 |
| 1965 | 25 |
| 1966 | 22 |
| 1967 | 22 |

3.3. Método de Obtenção do Presente Emprego

Esta pergunta em particular foi de escolha múltipla. As respostas estão no quadro 16.

Nota-se que os empregadores mineiros não recrutam através de jornal.

Podemos classificar as formas de obtenção de emprego segundo o conhecido critério de Talcott Parsons: universalismo *versus* particularismo.⁴

Universalista

| | |
|----------|----|
| concurso | 49 |
| estágios | 23 |

Particularista

| | |
|----------|----|
| amigos | 16 |
| parentes | 16 |

Vemos que 69% dos economistas entrevistados obtiveram empregos segundo um mecanismo *moderno* de recrutamento, enquanto que 31% utilizaram-se de modalidades *tradicionais*.

Quadro 16
Método de Obtenção do Presente Emprego

| Método de obtenção de emprego | Número de entrevistados |
|-------------------------------|-------------------------|
| Concurso | 49 |
| Estagiário/Readaptação | 23 |
| Terceiros | 16 |
| Amigos | 16 |
| Conta própria | 6 |
| Parentes | 3 |
| Indicação de professor | 0 |
| Outros | 0 |
| Jornal | 0 |
| Em branco | 12 |

⁴ PARSONS, T. & SHILS, E. *Towards a General Theory of Action*. Cambridge, Harvard University Press, 1962.

3.4. Status do Pai

Para esta pergunta indagou-se a profissão do pai. Utilizando uma versão atualizada da escala de prestígio ocupacional de Hutchison,⁵ classificamos sua profissão em um dos sete níveis. O nível sete corresponde a profissões manuais não especializadas. Nível 6 (seis) a manuais especializadas; nível 5 à supervisão de operações manuais; nível quatro a profissões não-manuais, *white collar*; nível três, à supervisão de operações não-manuais e técnicos de nível secundário. Nível dois a profissões liberais (economistas, portanto) e à chefia de organizações de porte médio. Nível um apenas inclui diplomatas, políticos e grandes homens de empresa.

Quadro 17
Status do Pai

| Nível 1 | Frequência |
|---------|------------|
| 1 | 0 |
| 2 | 32 |
| 3 | 63 |
| 4 | 16 |
| 5 | 2 |
| 6 | 3 |
| 7 | 1 |

Como se pode observar, um quarto da amostra corresponde a indivíduos cujos pais estavam no mesmo nível social (nível 2). Metade da amostra corresponde a indivíduos cujos pais estavam um degrau abaixo na escala, ou seja, apresentam mobilidade social positiva. Apenas 4 têm pais que executam operações manuais, o que mostra as deficiências do nosso sistema educacional.

Comparamos os nossos com os resultados da pesquisa Caracterização Sócio-Econômica do Estudante Universitário/Belo Horizonte/CBPE.⁶

Para a Universidade como um todo cerca de 20% pertencem ao nosso nível 2. Nossa amostra indica que 27% têm pais no nível 2. Isto significa que nossa amostra — onde os recém-formados estão super-representados — tem mais indivíduos em classe *média-alta* do que a Universidade como um todo.

⁵ HUTCHINSON, Bertrand. Mobilidade e Educação. Mec, IBEP, 1958. Escala modificada pela Professora Aparecida Gouveia.

⁶ Esta pesquisa se utiliza da escala original de Hutchison que é ligeiramente diferente. Portanto, deve-se tomar cautela com as conclusões que se seguem.

Para a Universidade há 38,5% de pais em posição de supervisão e outras “ocupações não-manuais de padrão alto” (nível 3). Em nossa amostra existem 54% deste nível.

Para a Universidade 6,6% têm pais em profissões manuais; nossa amostra indica que apenas 3,4% têm pais em profissões manuais.

Estas comparações parecem indicar que a Faculdade recruta em um meio social acima da moda para a Universidade de Minas Gerais.

4. Tabulações Cruzadas

4.1. Função, Controlada por Grupos de Experiência

Classificamos por três grupos de experiência (nove anos ou mais, 5 a 8 anos e menos de 5 anos) e utilizamos a mesma classificação entre economistas e não-economistas utilizada no quadro 3.

No quadro 1 estão os resultados observados e também as frequências teóricas para uma distribuição aleatória, calculadas como uma tabela de contingência usual.

Nota-se que os economistas formados a mais de 9 anos estão em cargos considerados como de economista em uma proporção menor do que uma distribuição randômica nos faria esperar. Em outras palavras, quanto menos experiente, maior a probabilidade de estar de fato ocupando cargo que pode ser considerado como de economista.

Quadro 18

Tabela de Contingência: “Função” e “Experiência”

| Função \ Experiência | Economia | | Outro | |
|----------------------|-----------|---------|-----------|---------|
| | Observada | Teórica | Observada | Teórica |
| 8 anos ou mais | 7 | -11 | 11 | + 7 |
| 4 a 7 anos | 27 | +23 | 11 | -13 |
| Menos de 4 | 50 | +41 | 29 | -30 |

4.2. Descrição do Trabalho Controlado por Grupos de Experiência

Mesmo procedimento do cruzamento anterior, apenas neste caso estamos utilizando a *descrição do trabalho*. Para simplificar os cálculos em ambos

os cruzamentos (1 e agora 2) utilizamos apenas a primeira indicação que descreve o trabalho, ao invés das três. Isto não é uma restrição muito séria, quando se considera que apenas um terço oferece mais de uma resposta. Eliminamos a categoria *Outros* por não nos interessar no momento.

Analogamente calculamos a tabela de contingência que vem incorporada ao quadro 2.

Os resultados são equivalentes aos do cruzamento anterior: economistas mais moços se engajam com maior probabilidade em atividades que podem ser consideradas como compatíveis com o seu currículo escolar.

Há, entretanto, uma diferença com relação à categoria intermediária de experiência. Formalmente, os economistas de 4 a 7 anos (quadro 1) ocupam funções de economistas com mais freqüência do que aleatoriamente seria de se esperar. Mas, quando passamos à descrição, ou seja, o que eles realmente fazem, as ocupações de economista aparecem com menos freqüência do que o que calculamos para uma distribuição randômica.

Quadro 19

Tabela de Contingência: "Descrição do Trabalho" e "Experiência"

| Descrição do Trabalho Experiência | Economia | | Administração | |
|--------------------------------------|-----------|---------|---------------|---------|
| | Observada | Teórica | Observada | Teórica |
| 8 anos ou mais | 6 | - 7 | 9 | + 7 |
| 4 a 7 anos | 19 | -20 | 19 | +18 |
| Menos de 4 | 38 | +34 | 28 | -33 |

4.3. Descrição do Trabalho e Setores Sub-Representados

Já mencionamos o fato de que nossa amostragem tem um viés contra o economista que trabalha sozinho ou com poucos colegas de profissão em uma empresa comercial ou industrial. Embora a evidência existente seja da variedade conhecida como *empirismo casual* acreditamos que no mínimo a metade dos formandos da Faculdade esteja nesta categoria de emprego. Não é impossível que esta proporção atinja mesmo 2/3.

Se notarmos a fração da nossa amostra, que está neste tipo de emprego podemos fazer uma extrapolação heróica para o resto da população

que supomos ser tão grande. Tomamos as categorias bancos comerciais, comércio, indústria e outros da classificação por firma em que trabalha. Verificamos então pela descrição do trabalho quantos serão enquadrados em economia e quantos em administração.

| | | | |
|---------------------------|---|---------------|----|
| Setores Sub-representados | } | Economia | 11 |
| | | Administração | 19 |

Quase dois terços não exercem funções que otimizam o uso do currículo de economia. Em outras palavras são administradores *de facto* e economistas *de juro*.

4.4. Categoria de Livros e Grupos de Experiência

Queremos examinar os hábitos de consulta por idade. Como já foi feito anteriormente os livros foram classificados em economia, administração e instrumentais. A classificação de experiência também é a mesma.

O quadro 20 inclui a tabela de contingência.

Observe-se que os economistas mais antigos lêem mais livros de administração, menos livros instrumentais e menos livros de economia.

Os economistas de 4 a 8 anos lêem mais economia do que o esperado, porém, lêem menos de referências instrumentais. Isto provavelmente reflete o fato de que não estão diretamente ligados a pesquisas empíricas que exigem consultas constantes a textos de estatística.

Os mais moços lêem mais economia e mais instrumentais. O aumento das consultas a referências de estatística possivelmente reflete o maior conteúdo empírico adquirido pela economia no Brasil, nos últimos anos.

Quadro 20

Tabela de Contingência: "Categorias de Livros" e "Experiência"

| Livros \ Experiência | Economia | | Administração | | Instrumentais | |
|----------------------|----------------|---------|---------------|---------|---------------|---------|
| | Observada | Teórica | Observada | Teórica | Observada | Teórica |
| | 8 anos ou mais | 2 | - 3 | 5 | + 2 | 3 |
| 4 a 8 anos | 11 | + 9 | 6 | 0 6 | 9 | -11 |
| Menos de 4 | 21 | +20 | 8 | -11 | 29 | +25 |

4.5. Livros por Origem e Grupos de Experiência

Classificamos os livros conforme a sua origem em franceses, anglo-saxões (E.U.A. e Inglaterra) e brasileiros. A classificação se refere ao país onde o autor é radicado, não à língua em que o livro é lido. Cruzando esta classificação com experiência, temos os resultados no quadro 21, que inclui também a tabela de contingência.

Podemos verificar entre os economistas mais antigos maior preferência pelos textos franceses, que caem de popularidade entre os economistas recentes.

Os textos americanos e ingleses vêm sua popularidade aumentada entre os formandos há menos tempo. Não há tendência definida para os brasileiros.

Quadro 21

Tabela de Contingência: "Origem dos Livros" e "Experiência"

| Livros \ Experiência | Francês | | Inglês | | Português | |
|----------------------|-----------|---------|-----------|---------|-----------|---------|
| | Observada | Teórica | Observada | Teórica | Observada | Teórica |
| 8 anos ou mais | 2 | + 0 | 2 | - 5 | 2 | + 1 |
| 4 a 8 anos | 0 | - 1 | 14 | -12 | 2 | - 3 |
| Menos de 4 | 1 | 0 1 | 26 | +25 | 5 | 0 5 |

4.6. Perfil de Renda dos Economistas (Cruzamento de Experiência e Renda)

Dividimos a amostra segundo as classificações por tempo de formado. Para cada nível calculamos a média ponderada, utilizando o valor central dentro de cada classe (por exemplo, a classe de 300 a 500 tem um valor central de 400 cruzeiros novos).

O quadro 22 mostra o histograma obtido.

O perfil de renda mostra as características usuais para universitários; a renda aumenta rapidamente nos primeiros anos e mais lentamente nos anos seguintes.